

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE ESCUTA E ACOLHIMENTO DE NARRATIVAS NEGRAS**THE SCHOOL AS A SPACE FOR LISTENING TO AND WELCOMING BLACK NARRATIVES** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.020-008>**Elberto Teles Ribeiro**

Discente do PPGG, Mestrado em Geografia
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
LATTES: lattes.cnpq.br/2202432909303768

Florence Joyce Lopes Rosa

Docente na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS
Universidade da Grande Dourados (UNIGRAN)
E-mail: florencejoycelopesrosa@gmail.com

Eduarda Anahí Lazcano

Docente na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
E-mail: eduardalazcano96@gmail.com

Cristiane Falcão de Sousa

Coordenadora pedagógica na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS
Faculdade do Vale do Iatjaí-Mirm (FAVIM)
E-mail: cris.souza.falcao@gmail.com

Michele Maria Silva Franco

Doutora em Administração
Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFAC-CAMP)
E-mail: michellysfranco@hotmail.com

Augusta Isabel Junqueira Fagundes

Doutora em Ciências Jurídicas e Sociais
Faculdade de Sabará- Belo Horizonte-MG
E-mail: profaugusta@gmail.com

Vívian Ahuké Alves Barros Valadares

Docente de Apoio Educacional Especializado na REE/MS
Centro Universitário FAVENI
E-mail: vivi.fazendas@hotmail.com

Andréa Barreto Pazinato Moraes

Docente em Sociologia e Especialista em Direitos Humanos
Universidade Federal do ABC
LATTES: lattes.cnpq.br/6618167672001089



Beatriz Belizie Souza Casari

Docente de Apoio Educacional Especializado na Rede Municipal de Dourados/MS
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
E-mail: autoracasaria@gmail.com

Maria Luiza Souza

Docente na Rede Municipal de Ensino de Dourados/MS
E-mail: marialuizarumiatto1997@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da escola como espaço de escuta e acolhimento de narrativas negras, promovendo o reconhecimento e a valorização das identidades étnico-raciais no ambiente escolar. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal José Eduardo Canuto Estolano – Perequeté, localizada no distrito de Itahum, em Dourados-MS, durante o primeiro semestre letivo de 2025, nas aulas de Geografia com turmas do 2º ao 5º ano do ensino fundamental. A metodologia adotada foi de caráter qualitativo, fundamentada na observação participante e em rodas de conversa que possibilitaram aos estudantes expressarem suas vivências, tradições e crenças. Ao longo do projeto, observou-se que os alunos negros e indígenas, inicialmente silenciados, passaram a se engajar de forma mais ativa, demonstrando maior autoestima, pertencimento e envolvimento nas atividades escolares. Os resultados evidenciam que a criação de espaços de diálogo e escuta contribui significativamente para o fortalecimento da identidade cultural e para a construção de uma educação antirracista. Conclui-se que práticas pedagógicas pautadas na escuta e no acolhimento são fundamentais para promover a equidade, o respeito e a valorização da diversidade nas escolas públicas brasileiras.

Palavras-chave: Educação antirracista; Identidade étnico-racial; Acolhimento escolar.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the importance of the school as a space for listening to and welcoming Black narratives, promoting the recognition and appreciation of ethnic-racial identities within the educational environment. The study was carried out at the José Eduardo Canuto Estolano Municipal School – Perequeté, located in the district of Itahum, Dourados-MS, during the first semester of the 2025 academic year, in Geography classes with students from the 2nd to the 5th grades of elementary school. The methodology adopted was qualitative, based on participant observation and discussion circles that allowed students to express their experiences, traditions, and beliefs. Throughout the project, it was observed that Black and Indigenous students, initially silenced, became more actively engaged, showing greater self-esteem, belonging, and participation in school activities. The results indicate that creating spaces for dialogue and listening significantly contributes to strengthening cultural identity and building anti-racist education. It is concluded that pedagogical practices grounded in listening and welcoming are essential to promoting equity, respect, and the appreciation of diversity in Brazilian public schools.

Keywords: Anti-racist education; Ethnic-racial identity; School inclusion.



1 INTRODUÇÃO

A escola é um dos espaços mais significativos para a formação integral do sujeito e para a construção das identidades culturais e sociais. Entretanto, historicamente, o ambiente escolar brasileiro tem reproduzido práticas e discursos que silenciam determinadas vozes, em especial as vozes negras e indígenas, cujas narrativas foram, por muito tempo, marginalizadas ou invisibilizadas dentro dos currículos e das práticas pedagógicas. Nesse contexto, torna-se fundamental pensar a escola como um espaço de escuta, acolhimento e valorização dessas experiências, a fim de promover uma educação verdadeiramente inclusiva e antirracista.

De acordo com a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas, é dever da instituição escolar reconhecer e valorizar a contribuição dos povos africanos e afrodescendentes na formação da sociedade brasileira. Essa legislação representa um avanço no campo educacional, pois propõe romper com a hegemonia de um currículo eurocêntrico e monocultural. No entanto, sua efetivação depende de ações pedagógicas concretas, construídas no cotidiano escolar, por meio de práticas que estimulem a escuta, o diálogo e o reconhecimento das identidades étnico-raciais dos estudantes.

Foi com essa perspectiva que surgiu o projeto “A Escola como Espaço de Escuta e Acolhimento de Narrativas Negras”, desenvolvido na Escola Municipal José Eduardo Canuto Estolano – Perequeté, situada no distrito de Itahum, no município de Dourados-MS. A iniciativa nasceu da observação, em aulas de Geografia, de que muitos alunos negros e indígenas se mostravam retraídos, pouco participativos e, muitas vezes, envergonhados de compartilhar suas tradições e vivências culturais. Essa ausência de voz não se tratava apenas de timidez, mas de um reflexo de séculos de exclusão e silenciamento histórico que ainda permeiam as relações escolares e sociais.

A proposta do projeto foi criar um ambiente onde os estudantes pudessem falar de si, de suas origens e de suas histórias, ressignificando o espaço escolar como um território de pertencimento e acolhimento. Ao longo do primeiro semestre letivo de 2025, o trabalho foi desenvolvido com turmas do 2º ao 5º ano do ensino fundamental, por meio de atividades interdisciplinares e rodas de conversa que priorizavam a oralidade, a escuta ativa e a valorização das narrativas pessoais.

Nesse sentido, a noção de “escrevivência”, cunhada por Conceição Evaristo (2003), torna-se central para compreender a potência dessas práticas pedagógicas. Para a autora, a escrevivência é uma escrita que nasce da vida, das dores e das resistências do povo negro, sendo, ao mesmo tempo, denúncia e afirmação de identidade. Assim, ao incentivar que os alunos compartilhassem suas histórias e tradições, o projeto também os convidava a produzir suas próprias escrevivências — não necessariamente no papel, mas em gestos, palavras e memórias que afirmam o lugar do sujeito negro e indígena na escola e na sociedade.



Outro referencial importante é Maria Carolina de Jesus, autora de *Quarto de despejo* (1960), cuja obra representa um testemunho contundente da exclusão social e do racismo estrutural no Brasil. Suas palavras revelam a força de uma mulher negra que, apesar da pobreza e do preconceito, utilizou a escrita como instrumento de resistência e denúncia. Ao trazer Maria Carolina para o contexto pedagógico, busca-se mostrar aos estudantes que suas vivências têm valor histórico, literário e humano, e que suas vozes também podem ser registradas, ouvidas e respeitadas.

A partir desses referenciais teóricos e literários, o projeto procurou romper com a lógica de silenciamento e inferiorização das culturas negras e indígenas, promovendo o reconhecimento de saberes e fazeres que integram a realidade dos estudantes. A metodologia adotada, de caráter qualitativo e participativo, privilegiou o diálogo e a escuta sensível como ferramentas pedagógicas capazes de transformar o ambiente escolar em um espaço de partilha e empatia. O exercício da escuta ativa, segundo Paulo Freire (1996), é uma prática essencial do educador que se compromete com a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel no mundo.

Os resultados observados ao longo do projeto evidenciaram um fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento entre os estudantes, especialmente os negros e indígenas. As rodas de conversa se tornaram momentos de troca e aprendizado coletivo, em que o respeito e o reconhecimento da diversidade cultural foram se consolidando de maneira espontânea. Assim, a escola passou a cumprir seu papel social de promotora de equidade, ao valorizar as múltiplas identidades que compõem sua comunidade.

Em síntese, esta pesquisa busca demonstrar que a escuta e o acolhimento das narrativas negras e indígenas no espaço escolar são práticas pedagógicas transformadoras, capazes de contribuir para uma educação antirracista, democrática e humanizadora. Mais do que um projeto, trata-se de um movimento de resistência e esperança, no qual a escola se afirma como lugar de fala, de memória e de construção de novas possibilidades de convivência e aprendizado.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e participante, por buscar compreender as percepções, sentimentos e experiências dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa permite compreender a realidade a partir das interações, significados e valores atribuídos pelos participantes, privilegiando a escuta e a observação direta do contexto.

O estudo também assume um caráter interdisciplinar e interventivo, uma vez que foi desenvolvido a partir da prática docente nas aulas de Geografia e se articulou com diferentes áreas do conhecimento,



especialmente Literatura e História, em uma proposta de construção coletiva e reflexiva sobre identidade, cultura e pertencimento.

2.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal José Eduardo Canuto Estolano – Perequeté, situada no distrito de Itahum, município de Dourados-MS, durante o primeiro semestre letivo de 2025. Participaram da investigação estudantes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 7 e 11 anos, além de suas famílias e equipe docente envolvida nas atividades interdisciplinares.

O projeto nasceu da observação, durante as aulas de Geografia, de baixa participação e autoestima dos estudantes, em especial entre os alunos negros e indígenas, que demonstravam timidez ou resistência em compartilhar suas vivências culturais. Essa constatação inicial motivou o desenvolvimento de uma proposta pedagógica centrada na escuta ativa, no acolhimento e na valorização das narrativas negras e indígenas.

2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia foi organizada em três etapas principais, descritas a seguir:

2.3.1 Primeira etapa – Diagnóstico inicial e sensibilização

O primeiro momento consistiu na observação direta das turmas e na análise das interações durante as aulas de Geografia. Essa observação permitiu identificar os desafios relacionados à baixa participação dos estudantes e à necessidade de criar espaços de fala e expressão.

Para compreender melhor o universo dos alunos, foram propostos desenhos e pequenos textos livres, nos quais as crianças relataram aspectos de suas vidas, suas famílias e suas tradições. Esses materiais funcionaram como instrumentos de diagnóstico inicial e sensibilização, revelando tanto o potencial expressivo dos estudantes quanto os silêncios produzidos por insegurança e falta de reconhecimento cultural.

2.3.2 Segunda etapa – Rodas de conversa e relatos orais

Na sequência, foram promovidas rodas de conversa com todas as turmas participantes, nas quais os estudantes puderam expressar oralmente suas experiências, crenças e costumes. Esses encontros foram planejados de forma lúdica e acolhedora, com o objetivo de criar um ambiente de escuta sensível e empática.

As rodas de conversa constituíram o núcleo central da metodologia, uma vez que possibilitaram o diálogo entre os saberes escolares e as narrativas de vida dos estudantes. Conforme Freire (1996), o diálogo



é um elemento essencial do processo educativo, pois rompe com a hierarquia entre quem ensina e quem aprende, construindo um espaço horizontal de trocas e aprendizagens mútuas.

2.3.3 Terceira etapa – Questionários e análise coletiva

Após o período de rodas de conversa, foram aplicados questionários estruturados aos estudantes e às suas famílias, com o intuito de avaliar as percepções sobre o projeto, os sentimentos de pertencimento e as mudanças observadas na participação escolar. Essa etapa permitiu coletar dados complementares e envolver a comunidade escolar na reflexão sobre o papel da escola como espaço de acolhimento das identidades étnico-raciais.

Os questionários serviram também para comparar as percepções antes e depois da realização das atividades, possibilitando uma análise qualitativa dos resultados e das transformações vivenciadas pelos sujeitos participantes.

2.4 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E PRÁTICA INTERDISCIPLINAR

A etapa final da metodologia envolveu a leitura e discussão da obra “Quarto de Despejo”, de Maria Carolina de Jesus (1960), com o objetivo de aprofundar o debate sobre a condição social e racial no Brasil e estimular a escrevivência, conceito de Conceição Evaristo (2003), como prática de resistência e autoafirmação.

Os textos da autora foram compartilhados com os estudantes, que, em seguida, produziram relatórios, releituras e reflexões pessoais sobre o que compreenderam da obra e como ela dialogava com suas próprias realidades. Essa atividade finalizou o processo metodológico, unindo a prática de leitura crítica à valorização das vivências dos alunos.

2.5 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

A escolha dessa metodologia baseou-se na pedagogia da escuta e do diálogo proposta por Paulo Freire (1996), que defende uma educação libertadora e participativa, capaz de reconhecer o sujeito como protagonista do conhecimento. O enfoque qualitativo e participativo permitiu compreender as emoções, memórias e identidades emergentes no ambiente escolar, favorecendo a construção de um processo educativo pautado na equidade e no respeito à diversidade cultural.

Assim, a metodologia adotada não se limitou a uma coleta de dados, mas constituiu um movimento formativo e transformador, tanto para os estudantes quanto para a prática docente, reafirmando o papel da escola como um espaço de escuta, acolhimento e construção de pertencimento.



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados do projeto “A Escola como Espaço de Escuta e Acolhimento de Narrativas Negras” evidenciam avanços significativos na participação, na autoestima e no sentimento de pertencimento dos estudantes, especialmente entre os alunos negros e indígenas. Observou-se uma mudança perceptível no comportamento dos discentes, que passaram a participar de forma mais ativa das aulas de Geografia e das demais atividades pedagógicas.

Inicialmente, era comum a presença de silêncios, retraimentos e expressões de insegurança quando os estudantes eram convidados a compartilhar suas tradições e experiências culturais. Contudo, após o desenvolvimento das rodas de conversa, das leituras e das práticas de acolhimento, esses mesmos alunos demonstraram maior autoconfiança e valorização de suas identidades. As falas passaram a emergir com naturalidade, revelando um ambiente escolar mais aberto, plural e sensível à diversidade.

Outro aspecto importante foi o engajamento coletivo: à medida que os alunos negros e indígenas se sentiram acolhidos, seus colegas também ampliaram a capacidade de escuta e empatia, passando a respeitar e valorizar as diferentes formas de ser e viver no contexto escolar. Essa transformação reforça o papel da escola como um território de convivência e construção de pertencimento, onde a diversidade é reconhecida como fonte de aprendizado e de cidadania.

Os questionários aplicados às famílias e aos próprios alunos confirmaram a percepção positiva em relação ao projeto. A maioria relatou mudanças na postura dos estudantes, tanto em sala de aula quanto nas interações fora dela, destacando o fortalecimento da autoestima, da comunicação e do interesse pelas atividades escolares.

O trabalho com a obra *Quarto de despejo*, de Maria Carolina de Jesus (1960), também produziu efeitos marcantes. As leituras e releituras permitiram que os estudantes refletissem sobre temas como pobreza, racismo, resistência e superação, conectando a realidade da autora às suas próprias vivências. A produção dos relatórios e releituras revelou não apenas compreensão textual, mas também amadurecimento crítico e afetivo diante das questões sociais abordadas.

Em síntese, os resultados demonstram que o projeto contribuiu para:

- a) o aumento da participação e da escuta ativa nas aulas;
- b) o acolhimento das diferenças e respeito mútuo entre os colegas;
- c) o fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento à comunidade escolar;
- d) a aproximação entre escola, família e cultura local;
- e) a construção de uma prática pedagógica pautada na valorização das narrativas negras e indígenas.

3.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos corroboram o que Paulo Freire (1996) defende ao afirmar que a educação libertadora nasce do diálogo e da escuta sensível entre educador e educando. O processo de transformação observado na escola de Itahum revela que, quando o aluno é ouvido e reconhecido como sujeito histórico e cultural, a aprendizagem torna-se significativa e emancipatória.

A metodologia centrada na escuta e acolhimento das narrativas negras e indígenas dialoga diretamente com a concepção de escrevivência de Conceição Evaristo (2003), que compreende a escrita — e, de modo mais amplo, a expressão — como forma de resistência e afirmação da existência do povo negro. As falas dos estudantes, suas histórias e memórias compartilhadas em sala de aula são, nesse sentido, expressões de escrevivências orais, que reafirmam suas identidades e rompem com o silenciamento histórico imposto pela sociedade e, muitas vezes, reproduzido pela escola.

De modo semelhante, a leitura de *Quarto de despejo* (1960), de Maria Carolina de Jesus, foi um potente instrumento pedagógico de reflexão social. A autora, com sua escrita marcada pela dureza da vida e pela força da sobrevivência, representa a voz das mulheres negras periféricas, cuja humanidade foi tantas vezes negada. Ao aproximar essa obra da realidade dos alunos, o projeto reafirmou o princípio freiriano de que a educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos, valorizando seus contextos e saberes prévios.

Além disso, a experiência aqui relatada encontra respaldo nas ideias de bell hooks (1994), que defende a pedagogia do afeto, da escuta e da presença como dimensões essenciais do ato educativo. Para a autora, ensinar é um ato político e amoroso, e a sala de aula deve ser um espaço de transformação, onde o conhecimento é construído a partir da empatia e do reconhecimento mútuo. Essa perspectiva foi claramente vivenciada nas rodas de conversa, em que a escuta sensível se transformou em um ato de cuidado coletivo.

A proposta também dialoga com as reflexões de Nilma Lino Gomes (2017) sobre educação e relações étnico-raciais, ao enfatizar que o reconhecimento das identidades negras e indígenas no ambiente escolar é um passo fundamental para a consolidação de uma educação antirracista. A autora destaca que práticas pedagógicas que valorizam as memórias e saberes das comunidades tradicionais rompem com o paradigma excludente e contribuem para uma sociedade mais justa e plural.

Outro ponto relevante a ser discutido é o papel da oralidade como forma legítima de produção de conhecimento. Conforme destaca Leda Maria Martins (2002), a oralidade é um elemento estruturante da cultura afro-brasileira e deve ser reconhecida pela escola como um modo de narrar e registrar a história. As rodas de conversa realizadas com os estudantes se inserem exatamente nesse movimento de valorização da palavra falada, do gesto e da memória como expressões pedagógicas e culturais.

A escuta ativa, o diálogo e o acolhimento também reafirmam o princípio de que o conhecimento é construído coletivamente, em uma relação de reciprocidade. A transformação observada entre os alunos negros e indígenas demonstra que o reconhecimento e a valorização de suas histórias pessoais têm efeito



direto sobre o desempenho escolar, o comportamento e a autoestima, aspectos já apontados por Cavalleiro (2000) e Munanga (2004) ao discutirem as implicações do racismo no ambiente educacional.

Assim, ao promover a interlocução entre prática pedagógica, literatura e identidade cultural, o projeto reafirma que a escola pode, e deve ser um espaço de resistência, memória e transformação social. O aumento da participação e do sentimento de pertencimento não foram resultados casuais, mas consequências diretas de uma proposta pedagógica comprometida com a equidade, a escuta e o respeito à diversidade.

4 CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo principal refletir sobre a importância da escola como espaço de escuta e acolhimento de narrativas negras e indígenas, promovendo o reconhecimento e a valorização das identidades étnico-raciais no ambiente educacional. A pesquisa buscou, a partir da prática pedagógica vivenciada na Escola Municipal José Eduardo Canuto Estolano – Perequeté, localizada no distrito de Itahum, município de Dourados-MS, compreender como o diálogo, a escuta sensível e o acolhimento das experiências dos estudantes podem transformar o cotidiano escolar, fortalecendo o sentimento de pertencimento e contribuindo para uma educação antirracista.

Retomando os objetivos propostos, verificou-se que o projeto “A Escola como Espaço de Escuta e Acolhimento de Narrativas Negras” alcançou resultados significativos tanto no campo pedagógico quanto no humano. A partir das rodas de conversa, leituras literárias, produções orais e escritas e atividades de releitura, observou-se um aumento expressivo na participação dos estudantes, bem como melhoria na autoestima e no engajamento coletivo. Alunos que antes se mostravam silenciosos, retraídos ou desmotivados passaram a interagir de maneira mais ativa, demonstrando orgulho de suas origens e reconhecimento de suas identidades culturais.

Entre os principais resultados, destaca-se o fortalecimento das relações de empatia e respeito entre os colegas, evidenciado pela ampliação da escuta e do acolhimento mútuo dentro das turmas. A convivência escolar tornou-se mais harmônica, e o ambiente das aulas de Geografia passou a ser um espaço de expressão e diálogo, no qual as diferenças deixaram de ser motivo de vergonha e se converteram em fontes de aprendizado e convivência. O envolvimento das famílias, por meio dos questionários e dos relatos sobre as mudanças observadas em casa, também reforçou o impacto positivo do projeto no âmbito comunitário.

A leitura e a reflexão sobre a obra *Quarto de despejo* (1960), de Maria Carolina de Jesus, representaram um marco dentro do processo, por possibilitar aos estudantes o contato com uma narrativa potente de resistência e superação. Essa atividade não apenas promoveu o desenvolvimento da leitura crítica, mas também contribuiu para a formação de vínculos afetivos entre os alunos e a literatura afro-brasileira, despertando o interesse por autores que representam a luta e a dignidade do povo negro. A análise



coletiva da obra permitiu que as crianças percebessem a escrita como um instrumento de empoderamento e transformação social — um caminho possível para que suas próprias histórias ganhem visibilidade e reconhecimento.

Os resultados observados confirmam as reflexões de Conceição Evaristo (2003) sobre a escrevivência como forma de resistência e construção de identidade. A autora defende que escrever — e, por extensão, narrar e partilhar — a própria experiência é um ato político que subverte o silêncio imposto pela opressão racial e de gênero. No contexto deste projeto, cada fala, desenho, relato ou leitura dos estudantes tornou-se uma escrevivência coletiva, capaz de dar voz e forma às memórias e saberes silenciados.

Nesse mesmo sentido, as ideias de Paulo Freire (1996) sobre o diálogo como princípio fundamental da educação libertadora sustentam a prática metodológica desenvolvida. O educador ressalta que o ensino deve ser construído “com” os alunos, e não “para” eles. As rodas de conversa e os momentos de escuta ativa materializaram essa pedagogia freiriana, transformando o professor em mediador e aprendiz, e o estudante em sujeito do próprio conhecimento. Essa inversão de papéis permitiu o surgimento de uma pedagogia horizontal, crítica e humanizadora.

Além disso, a experiência reafirma a pertinência da pedagogia do afeto defendida por Bell hooks (1994), para quem o ensino é um ato de amor e engajamento. As mudanças observadas nas atitudes e no envolvimento dos alunos mostraram que a afetividade e o acolhimento são componentes fundamentais do processo educativo. A escuta sensível e o reconhecimento da subjetividade de cada estudante funcionaram como elementos catalisadores da aprendizagem e da convivência escolar.

As reflexões de Nilma Lino Gomes (2017) e Eliane Cavalleiro (2000) também sustentam os resultados alcançados, ao indicarem que práticas pedagógicas pautadas na valorização da identidade negra contribuem para a superação do racismo institucional e do silenciamento no ambiente escolar. O projeto, ao promover a fala e a visibilidade dos estudantes negros e indígenas, mostrou-se uma ação concreta de enfrentamento à desigualdade racial e de promoção da equidade no espaço educacional.

Dessa forma, a principal contribuição desta pesquisa está em demonstrar que a escola pode e deve ser um território de pertencimento, onde a pluralidade cultural é reconhecida e celebrada. A experiência revelou que quando o professor se dispõe a ouvir e acolher as vozes dos alunos, o processo educativo deixa de ser unilateral e se transforma em uma construção coletiva de saberes, marcada pela empatia e pelo respeito.

Do ponto de vista prático, o projeto oferece um modelo de intervenção pedagógica que pode ser adaptado a diferentes contextos escolares. As rodas de conversa, as leituras literárias e as produções orais e escritas podem ser incorporadas como ferramentas permanentes nas escolas públicas, especialmente em



regiões que abrigam comunidades negras, indígenas ou rurais, promovendo o diálogo intercultural e o reconhecimento das identidades locais.

Em termos teóricos, a pesquisa contribui para o fortalecimento das discussões sobre educação antirracista, pedagogia da escuta e práticas interdisciplinares. Ela evidencia que o combate ao racismo e à exclusão não se limita a datas comemorativas ou atividades pontuais, mas exige um compromisso contínuo com a formação crítica e humanizada de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação do estudo para outras escolas da rede municipal e estadual, comparando os impactos de práticas semelhantes em contextos distintos. Também seria relevante investigar como o uso sistemático da literatura afro-brasileira e indígena pode influenciar o desenvolvimento da identidade étnico-racial desde as séries iniciais.

Por fim, conclui-se que o projeto desenvolvido na Escola Municipal José Eduardo Canuto Estolano – Perequeté reafirma a escola como um espaço de resistência, memória e reconstrução de histórias, capaz de romper o ciclo do silêncio e promover a fala como ato de liberdade. A escuta e o acolhimento das narrativas negras e indígenas não apenas transformaram o ambiente escolar, mas também plantaram sementes de consciência e pertencimento que podem florescer ao longo de toda a trajetória de vida dos estudantes. Assim, a prática pedagógica se converteu em um gesto político e poético — um ato de amor e compromisso com uma educação verdadeiramente emancipadora e inclusiva.



REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

Evaristo, Conceição. **Escrevivências: a escrita de nós**. In: DUARTE, Constância Lima; NASCIMENTO, Elisa Larkin (orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 329–333.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
(Obra original: *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom*, 1994.)

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1960.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2004.